

YouTube: práticas discursivas e identitárias no ciberespaço

Yuri Araujo de MELLO¹
Maria do Rosário GREGOLIN²
GEADA³

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Resumo

Inegavelmente, as mídias tradicionais como a televisão, o rádio e a mídia impressa detêm grande influência na sociedade contemporânea, tanto para o delineamento do pensamento coletivo, quanto para a sugestão à formação cultural por meio de enunciados produzidos por sujeitos que ocupam determinadas formações sócio-ideológicas. Entretanto, atualmente, um objeto que tem ganhado espaço privilegiado, diferente das mídias tradicionais, são as mídias digitais. Fluidos no grande oceano do *ciberespaço* que se constitui como um aglutinador de mídias, onde se mesclam mídias tradicionais e novas mídias, centros recepto-difusores encontram-se dispersos em toda parte e, efetivamente, em parte alguma, tornando-se, assim, um espaço onde a cultura participativa e (d)a interatividade ganham traços. Dessa maneira, o presente trabalho, embasado principalmente pelo aporte teórico da Análise do Discurso de linha francesa, tendo como fio condutor as reflexões de Michel Foucault, procura discutir questões de identidades produzidas e veiculadas nos meios digitais. Toma-se como *corpus* de análise vídeos caseiros de pessoas “anônimas” que *transmitem-se* pelo canal do YouTube, onde mostram suas habilidades vocais, artísticas e até mesmo conhecimentos de técnicas áudio-visuais para a produção de efeitos de sentido. Estes sujeitos fazem uso de técnicas de confissão para a construção e afirmação de uma identidade de “artista” e, por essas práticas, produzem novas subjetividades. Em torno destes vídeos, ainda, são originadas comunidades inteligentes de pertencimento pontuadas no próprio YouTube e em outras plataformas, como no Twitter, Facebook, My Space, etc. onde são mobilizados e compartilhados os *savoir-faire* desses sujeitos e virtualizadas e atualizadas as identidades à luz de uma *cultura da convergência*.

Palavras-chave

Identidade, práticas discursivas, discurso, ciberespaço, YouTube.

¹ Aluno do curso de Letras da FCL - Unesp, *campus* Araraquara, email: yuri.amello@gmail.com

² Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Letras FCL - Unesp, email: mrgregolin@gmail.com

³ Grupo de Estudos em Análise do Discurso de Araraquara.



1. INTRODUÇÃO AO TEMA E OBJETIVOS DO ARTIGO

Inegavelmente, as mídias tradicionais, como o rádio, a televisão e a mídia impressa detêm grade influência em nossa sociedade, porém, no período que compreende a nossa contemporaneidade, na chamada *modernidade líquida* ou ainda *pós-modernidade*, nota-se uma crescente e incessante utilização das novas mídias para a veiculação de certos enunciados (e discursos) e seus efeitos de sentido, contribuindo tanto para o delineamento do pensamento coletivo, quanto para a sugestão à formação cultural dos sujeitos. Nessa perspectiva, um objeto que tem ganhado espaço privilegiado, além da atenção do campo científico da Análise do Discurso, é o *ciberespaço* e os “nós” que nele se formam. Sendo assim, o presente trabalho apresentará um resumo do projeto que está sendo desenvolvido sob orientação da professora Dra. Maria do Rosário Gregolin e junto ao Grupo de Estudos em Análise do Discurso (GEADA) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – *campus* Araraquara, e possui como principal *corpus* de análise o espaço de compartilhamento global de vídeos (e de sujeitos): o YouTube. Dessa maneira, por estar inserido no projeto coletivo *Discurso, História e Memória: a produção de identidades*, o projeto busca, a partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, mais especificamente a derivada principalmente dos *diálogos e duelos* estabelecidos entre os trabalhos de Michel Pêcheux e Michel Foucault, o artigo possui por objetivo central discutir questões acerca de identidades produzidas e veiculadas nos meios digitais por meio de sujeitos que ocupam posições de “celebridades” do YouTube e no interior de comunidades inteligentes de pertencimento localizadas neste espaço.

2. BREVE FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O aporte teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, utilizado no presente trabalho, é derivado, principalmente, dos trabalhos de Michel Pêcheux e Michel Foucault e subsidiará nossas análises, compreendendo as *práticas discursivas* dos sujeitos localizados nesta *formação discursiva*, pois “os dizeres e os fazeres inserem-se em *formações discursivas*, cujos elementos são regidos por determinadas regras de formação” (GREGOLIN, 2007, p. 14).



As origens do campo teórico transdisciplinar que posteriormente ficou conhecido como Análise do Discurso, ou comumente conhecido por AD, simplesmente, remetem a meados dos anos 1960, no ápice do estruturalismo francês que pautava-se no corte epistemológico saussureano operado pela dicotomia *langue/parole*, tomando como objeto da “ciência piloto das ciências humanas”, no caso a ciência dos estudos da linguagem, a *langue*, com focalização no *sistema* – o que impede qualquer intento para a abordagem da discursividade.

Já no final dos anos 1960, momento em que a Linguística vivia uma “crise epistemológica” (GREGOLIN, 2003), surge a figura do filósofo Michel Pêcheux, ligado a Althusser, e suas preocupações em discutir a epistemologia das ciências. Ele, numa tentativa de rompimento com as tradições lingüísticas que se faziam vigentes até então, retoma os elementos deixados em suspenso por Ferdinand de Saussure, como a história, o sujeito e o discurso (no caso a *parole*, reformulada por Pêcheux), fazendo inaugurar um novo campo do saber em que é proposto como objeto o *discurso*, “cuja espessura opera a articulação entre o lingüístico e o histórico” (GREGOLIN, 2003), pois, como alude Fernandes (2007):

Todo campo do saber edifica-se pautado em um rigor teórico a partir da definição de aspectos metodológicos, e focaliza um objeto que lhe é específico. Para Análise do Discurso, enquanto disciplina, o próprio nome efetua referência a seu objeto de estudos: o discurso (p.10)

Dessa maneira, ao estabelecer o objeto deste campo científico, no qual convergem a língua, o sujeito e a história, delineia-se, assim, os primeiros traços de uma *lingüística do discurso* que possui agora como engrenagem a enunciação que, como nos esclarece Gregolin (2003) “não é um conceito já absolutamente consolidado, mas o *signo de um problema*”.

Ao colocar o lingüístico articulado à História, buscou-se apreender os *processos discursivos* e entender quais eram as *condições de produção do discurso* de uma determinada conjuntura histórica, pois, como menciona Foucault (1999) em sua *ordem do discurso*: “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar



sua pesada e temível materialidade”, já que pressupõe-se que a formação de enunciados que integram um discurso é determinada pelo contexto histórico-social em que este discurso está inserido.

Desde sua formação, a Análise do Discurso constituiu-se como campo transdisciplinar. Segundo Gregolin (2003), Michel Pêcheux definiu o quadro epistemológico da fundação da Análise do Discurso baseando-se em uma articulação entre três espaços do conhecimento científico: o *materialismo histórico*, como uma teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendendo a teoria das ideologias, a *linguística*, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação, e a *teoria do discurso*, como teoria da determinação histórica dos processos de formação de sentido: esses três campos do saber seriam atravessados por uma teoria do sujeito, baseada na psicanálise viabilizada por Sigmund Freud.

Para a constituição desse campo transdisciplinar, os estudos de Michel Pêcheux apontam para quatro nomes que influenciaram primariamente suas propostas: são *Althusser*, com suas releituras de Marx; *Foucault*, com suas reflexões em torno do *discurso* e sua noção de *formação discursiva*, derivando daí vários outros conceitos; *Lacan*, com suas leituras da obra freudiana entorno do inconsciente, dizendo que este possui como base a linguagem; e, por fim, *Bakhtin*, com a teoria sobre o caráter dialógico da linguagem, levando a tratar da polifonia e da heterogeneidade do discurso. Michel Pêcheux, articulador das idéias que se encontravam em suspenso no período compreendido, não apenas adotou conceitos formulados por outros autores, como também os questionou, os reformulou, lançou um olhar crítico para os produtos da efervescência intelectual do período, (re)formulando conceitos e adaptando-os para a formação de um novo campo do conhecimento científico. Assim Gregolin (2003, p. 25-26) explicita:

As contribuições de Althusser, Foucault, Lacan e Bakhtin vão operar essa articulação entre regiões do conhecimento no alicerce da AD. Levando esses pilares para a reflexão sobre a articulação entre língua, sujeito, discurso e história, Michel Pêcheux constituiu o edifício da Análise do Discurso em movimentos teórico-analíticos nos quais o seu pensamento se aproximou desses outros quatro pensadores. Essas aproximações não devem ser vistas de forma estanque pois, como é próprio da natureza do fazer científico, cada um desses pensadores

dedicou-se à construção de saberes dentro das ciências humanas e, por isso, movimentaram-se, alargando e retificando conceitos, fazendo e refazendo rumos. Do mesmo modo, ao levar para a Análise do Discurso ideias elaboradas por esses pensadores, Michel Pêcheux não operou apenas uma transferência de conceitos fabricados em outros lugares; ao contrário, ele os interpretou e re-elaborou, criando diferenças.

3 PENSANDO (CIBER)ESPAÇOS: O “NÓ” DO YOUTUBE

O advento da informática no século XX, principalmente com a produção de computadores de uso pessoal, que estabeleceriam uma comunicação mediada por computador (CMC), proporcionou o *vir à luz* do ciberespaço, termo empregado pela primeira vez pelo autor de ficção William Gibson no romance *Neuromancien*, no ano de 1984. O surgimento deste espaço é derivado de um verdadeiro movimento social encabeçado inicialmente por jovens metropolitanos escolarizados, tendo em comum suas palavras de ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações (LÉVY, 2000). Assim, como curso natural da história, por meio de seus usuários em rede, desenvolveu-se⁴ o que se chama hoje *ciberespaço*, tornando-se um importante traço de nossa contemporaneidade, de uma *cibercultura* emergente, sendo objeto problematizado constantemente por teóricos e também por seus “habitantes”. Dessa maneira, podemos argumentar que o ciberespaço é um espaço social de constantes modificações e redefinições, como nos elucida Pierre Lévy (2000) ao dizer que:

O ciberespaço se constrói em sistemas de sistemas, mas, por esse mesmo fato, é também o *sistema do caos*. Encarnação máxima da transparência técnica, acolhe, por seu crescimento incontido, todas as opacidades do sentido. Desenha e redesenha várias vezes a figura de um labirinto móvel, em expansão, sem plano possível, universal, um labirinto com o qual Dédalo não teria sonhado. Essa universalidade desprovida de significado central, esse sistema da desordem, essa transparência labiríntica, chamo-a de ‘universal sem totalidades’. Constitui a essência paradoxal da cibercultura. (p. 111)

⁴ É importante deixar claro que o desenvolvimento deste espaço foi possível graças ao envolvimento de sujeitos e a criação de novos suportes digitais que permitem acesso facilitado e *permanente*, como notebooks, tablets, celulares, iTVs, videogames etc, que possibilitam a convergência mais disseminada de conteúdos e sujeitos localizados em lugares diferentes e, majoritariamente, distantes.



Em meio a esta essência paradoxal, formam-se, neste espaço, verdadeiros “nós”, ou seja, pontos de coerência que funcionam como filtros de informação, centros de sugestões e preferências, de seleção e comentários, cujos limites são simbólicos e porosos. Como uma destas “fronteiras” ou “nós” podemos compreender o espaço hegemônico de compartilhamento global de vídeos que é o YouTube.

Criado em 2005 por empreendedores americanos (Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim), a plataforma era uma dentre várias outras que permitia ao usuário a criação de um verdadeiro repositório de vídeos, com a possibilidade de compartilhá-los. Atualmente, sob poder do *Google* e com o slogan *Broadcast yourself* que, traduzido ao português, seria algo como “transmita-se”, quase um imperativo, as práticas neste espaço mudaram, tornando-se uma plataforma também de expressão pessoal, ou *confissão*, como diria Foucault (2010). Assim, ao tentar definir este “nó”, Jean Burgess e Joshua Green (2009) evidenciam que o YouTube é

um objeto de estudo particularmente instável, marcado por mudanças dinâmicas (tanto em termos de vídeos como de organização), diversidade de conteúdos (que caminha em um ritmo diferente do televisivo mas que, da mesma maneira, escoa por meio do serviço e, às vezes, desaparece de vista) e uma frequência cotidiana análoga, ou “mesmice” (p. 23-24).

Neste espaço, em meio a esta dinamicidade, infinidade de conteúdos e frequência cotidiana análoga, originam-se comunidades inteligentes de pertencimento, mantendo relações íntimas com a (re)produção de identidades. Tais conceitos serão abordados e problematizados no tópico seguinte.

4. PRÁTICAS IDENTITÁRIAS: O CASO DAS COMUNIDADES VIRTUAIS

Como mencionado inicialmente, o presente artigo toma por embasamento teórico a Análise do Discurso de linha francesa, mas tem também como fio condutor investigações em torno de identidades produzidas nos meios digitais. Sendo assim, principalmente com as teorias de Hall (2001) e Bauman (2005), constata-se que as identidades, atualmente, podem ser tomadas como deslocadas, parciais, contraditórias, fragmentadas, fluidas e, por este mesmo fato, miscelâneas, notoriamente materializadas



mutuamente no e pelo sujeito, sendo que este tem sua existência em uma determinada formação sócio – ideológica, localizada em dado momento da história, pois, para a AD, “[...] todo discurso resulta do entrelaçamento de diferentes discursos dispersos no meio social. O sujeito constitui-se pela interação social estabelecida com diferentes sujeitos [...]”. (FERNANDES, 2007, p. 39).

Entretanto, é de suma importância salientarmos que, na nossa contemporaneidade, o pensamento sobre a identidade e sua construção, longe de ser um trabalho simples, coeso (por não possuir linearidade alguma), coerente (por ser contraditória) e finito, envolve-se em uma verdadeira guerra, pois, como nos explicita Bauman (2005):

A identidade – sejamos claros sobre isso – é um “conceito altamente contestado”. Sempre que se ouvir essa palavra, pode estar certo de que está havendo uma batalha. *O campo de batalha é o lar natural da identidade.* Ela só vem à luz no tumulto da batalha, e dorme e silencia no momento em que desaparece os ruídos da refrega [...] (p. 83-84; grifo nosso).

Do mesmo modo, para Foucault, o discurso é, por excelência, um campo de batalha e conflito de poderes, é contradição por possuir enunciados pertencentes a discursos de lugares diversos e divergentes, portanto, não é exatamente “coerente”, mas, apesar disso, segue uma regra de funcionamento e obedece a uma determinada *ordem*.

Com esta elucidação, podemos compreender que além das identidades serem cambiáveis, fragmentadas, inconsistentes, combináveis de forma contraditórias, elas envolvem-se em contínuas lutas para a visibilidade, com a ocorrência de sobreposições identitárias na figura do sujeito, pois, como aponta ainda Bauman (2005), “as identidades são para usar e exhibir, não para armazenar e manter” (p. 96). E é no discurso que se manifestam essas lutas.

Desse modo, toma-se como *corpus* vídeos inicialmente caseiros de pessoas “anônimas” que são difundidos e veiculados no espaço global de compartilhamento de vídeos do YouTube. Entretanto, para o presente artigo, escolhemos para análise um vídeo co-produzido por uma comunidade inteligente de pertencimento, pela “celebridade” Mike Tompkins e pelo elenco do filme *Pitch Perfect*, intitulado no Brasil *A escolha perfeita*.



Figura 1: Mike Tompkins ao centro, parte do elenco do filme nos quatro extremos do vídeo e a comunidade virtual.

Neste vídeo, esses sujeitos, que ocupam diferentes posições e são atravessados por uma pluralidade de vozes, procuram mostrar suas habilidades vocais, artísticas e técnicas ao (re)interpretarem a música *Starships*, de Nicki Minaj, (re)produzindo e declarando-se, dessa maneira, fãs e, ao mesmo tempo, por meio da materialidade da linguagem, *confessam-se* também celebridades, pois, “[...]a confissão passou a ser, no ocidente, uma das técnicas mais altamente valorizadas para produzir a verdade [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 67). Sendo assim, se direcionarmos nosso olhar para o enunciado acima (*Figura 1*), somos capazes de observar que os sujeitos localizados neste espaço mostram-se diante das câmeras, movidos, principalmente, pelo sentimento de *pertencimento* e pelos jogos de poderes presentes no discurso que os fazem confessar-se diante das lentes globais do YouTube, como o “dever” de dizer que são jovens diferentes (quanto à sexualidade, beleza, raça, etnia, personalidade etc) e, por este mesmo motivo, pertencentes a uma comunidade onde convergem interesses e se sentem aceitos, sendo que as peculiaridades dos sujeitos que os fariam deslocados, os aproximam neste espaço. Mas a principal confissão que fazem, sobrepondo, inclusive, outras identidades é a possibilidade de todos serem (ou poderem ser) virtualmente *starships* (naves espaciais) preparadas para decolar, ou seja, todos em potência são celebridades, famosos, *estrelas*. E para a atualização dessa virtualidade, esses sujeitos promovem toda uma pedagogia do rosto, da expressão, do gesto, das técnicas, fazendo do corpo um “objeto-farol” (COURTINE apud GREGOLIN, 2003, p. 25) porque, para “validarem-se” nessa hipervisibilidade contemporânea, necessariamente, precisam se mostrar, pois tudo o que não é mostrado, ao menos nesta formação discursiva, não está na ordem das leis (FOUCAULT, 2010, p.22).



Assim, podemos entender como se dá o funcionamento das práticas identitárias veiculadas por meio desses vídeos neste espaço digital e que obedecem a uma regra, pois, como observa Gregolin (2007), Michel Foucault observa nesses movimentos uma microfísica de poderes, que se envolvem em contínuas lutas pelo estabelecimento de certas verdades em todo cenário social, sintetizando e pondo em circulação *vontades de verdade*. Dessa maneira, as identidades são, pois, construções discursivas: neste caso, o “ser artista”, “ser anônimo”, “ser diferente” etc. Nesta construção, ainda, os sujeitos localizados neste espaço consomem e consumam subjetividades, porque:

[...] A subjetividade não se situa no campo individual, mas no de todos os processos de produção social e material e, conseqüentemente, **o sujeito moderno é um consumidor de subjetividades**: ele consome sistemas de representação, de sensibilidades. A subjetividade está em circulação, é essencialmente social, assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. Colocando em circulação enunciados que regulamentam as formas de ser e agir, os meios de comunicação realizam um *agenciamento coletivo de enunciação*, entrecruzando determinações coletivas sociais, econômicas, tecnológicas, etc. (GREGOLIN, 2007, p. 21, grifo nosso).



Figura 2: Mike Tompkins e fragmento do filme Pitch Perfect, mostrado ao final do vídeo na forma de hiperlink.

Entretanto, é inquestionável que essas comunidades inteligentes inseridas no *ciberespaço* são virtuais, dessa maneira, compreende-se que nelas, para a comunicação coletiva e interativa entre os sujeitos, há uma espécie de deslocamento do aqui-agora, em que o aqui também está lá e o agora torna-se depois e vice-versa. E nos vídeos desses sujeitos, ainda, o amador e o profissional, o público e o privado, o anonimato e a fama, a participação e recepção etc, não se inserem no plano dicotômico, mas mesclam-



se. Dessa maneira, as representações de si e dos outros tornam-se nítidas por meio da *desterritorialização*⁵ de fragmentos de seus corpos, de suas vozes, de seus rostos etc, e passam a existir em potência no interior desses coletivos inteligentes, prontos para serem (trans)vestidos para, então, integrarem-se a outros sujeitos, viabilizando a emergência de novas identidades, subjetividades e comunidades multimoldadas, multifacetadas, como polissíndetos intermináveis. Assim, (des)(re)constroem-se incessantemente à luz de uma nova *cultura da convergência* pautada na participação e interação dos sujeitos, lugar onde a palavra de ordem é *transmita-se*, esta materializada no enunciado acima (*Figura 2*), não importando se você é desarranjado, se não cumpre os padrões (estereotipados) de beleza amplamente cultivados pela mídia, o que realmente convém é que você esteja dentro da *ordem*, ou seja, valendo do *slogan* da plataforma do YouTube, o que tem valor é *transmitir-se*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, principalmente pelo olhar científico da Análise do Discurso de linha francesa de viés foucaultiano, procurei mostrar como se dão algumas práticas discursivas e identitárias no *ciberespaço*, tendo em vista sua essência paradoxal e a instabilidade do objeto tomado para estudo: o YouTube. Para tanto, procurei realizar considerações acerca de identidades, principalmente por meio das teorias de Stuart Hall e sua fragmentação do sujeito; de Bauman, em que as identidades são viabilizadas por meio do sentimento de pertencimento e, por estarem inseridas no período que compreende a nossa *modernidade líquida*, são fluidas e Pierre Lévy, em que desloquei sua teoria para discutir a possibilidade das identidades se virtualizarem e atualizarem no interior de coletivos inteligentes que funcionariam como *supplement*, termo em francês que tanto significa adição como reposição e é, por conseguinte, o outro que se associa, o exterior que passa para o interior, a diferença que se torna identidade (BAUMAN, 1994, p. 158). Para se ter uma visão mais amplificada do assunto, discutido ao longo de todo o trabalho, entrelaçamos as teorias, conduzindo-nos pela engrenagem da AD.

⁵ Como aborda Lévy (2000): “[...] Basear laço social na relação com o saber consiste em encorajar a extensão de uma *civilização desterritorializada*, que coincide com a fonte contemporânea da força, ao mesmo tempo em que passa pelo mais íntimo das subjetividades”. (p.27)



Referências

- BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. Modernidade e ambivalência. In: FEATHERSTONE, M (org.). *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BURGESS, J & GREEN, J. *Youtube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph, 2009.
- FERNANDES, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Claraluz, 2007.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2010
- GREGOLIN, M. R. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. In: *Comunicação, mídia e consumo*, São Paulo, v.4, n.11, p.11-25, nov. 2007.
- _____. AD: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, C.A. e SANTOS, J.B.C. (org.). *Teorias Lingüísticas: problemáticas contemporâneas*. Uberlândia: UFU, 2003.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- JENKINS, H. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.
- _____. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2000.

Vídeo

- TOMPKINS, M. *STARSHIPS - Performed by Mike Tompkins, the PITCH PERFECT Cast and YOU* [Vídeo]. Disponível em <<http://youtu.be/JYtYCNkR1Yo>>. Acesso em: 20 de julho de 2013